

O QUE EU NÃO APRENDI COM MARX

Gastão Reis Rodrigues Pereira

Publicado no JB– 05 Junho 2006

Numa solenidade no Palácio de Cristal em Petrópolis, a que estavam presentes o prefeito municipal, empresários e cidadãos petropolitanos, eu tive a oportunidade de me dirigir ao público e aproveitei para dizer-lhes o seguinte: o que eu não aprendi – repeti: não aprendi com Marx – foi que a colaboração inteligente entre classes sociais rende dividendos muito mais polpudos do que a luta de classes. E que Petrópolis estava dando ali um belo exemplo da união de todos em benefício de todos. Ainda bem mais jovem, eu tive a oportunidade de ler, página por página, a obra magna de Marx, O Capital, num curso dado na Universidade de Brasília em 1973. Tive o cuidado de, mais recentemente, ler o Marxismo de Marx, de Raymond Aron, que, já em final de vida, recebeu homenagens da juventude francesa, reconhecendo-lhe os méritos de intelectual comprometido com a verdade e com o rigor científico em suas magistrais análises.

Raymond Aron admirava o pensamento criativo de Marx e por isso o estudei durante 35 anos, em especial pelos estragos que causou ao levantar as massas na direção errada. Mas nem por isso deixou de concluir de modo duro e objetivo: “Creio não haver doutrina tão grande no equívoco e tão equivocada na grandeza.” O maior deles foi o de que a nacionalização dos meios de produção, ou a expropriação dos bens das classes ditas superiores, iria criar o paraíso na terra para os trabalhadores. O presidente socialista francês Mitterrand logo descobriu que a vida real não é bem assim. Ele se surpreendeu ao verificar que as empresas francesas por ele nacionalizadas estavam todas no prejuízo em apenas dois anos de seu governo. Reprivatizou-as novamente, afirmando que a última coisa que queria na vida era passar à história da França como um mau presidente. Afinal, empresas que não dão lucro não investem. Portanto, não geram renda (melhores salários) e emprego, fazendo um trabalho diabólico contra os interesses dos próprios trabalhadores.

Petrópolis é uma cidade que vem abocanhando prêmios nacionais e estaduais em matéria de gestão pública eficiente, a saber: responsabilidade fiscal, empreendedorismo, governo eletrônico (para nos livrar, cada vez mais, da burocracia) e selo de ouro do turismo, entre outros. E que tem, nessa mesma linha, construído uma ponte de diálogo com os empresários no sentido de incentivar investimentos geradores de renda e emprego, que beneficiam a toda a população do município. Em suma, uma inteligente articulação catalisadora de esforços comuns de diversas entidades locais, tanto patronais quanto de trabalhadores, e de outros setores sociais representativos dos interesses maiores da comunidade petropolitana. Claro que nem tudo é perfeito, mas essa capacidade de sentar e conversar civilizadamente leva a uma solução inteligente dos conflitos, sempre presentes ao longo da caminhada da humanidade, mas sem ter que recorrer à lei do tacape, tão primitiva quanto ineficiente.

No fundo, estamos diante de um processo de criação de uma poderosa cultura empreendedora. Gente que está arregaçando as mangas e construindo seu próprio futuro ao invés de perder tempo num desgastante processo de luta de classes fratricida, que não leva a nada. É sempre bom lembrar que o comunismo não foi destruído jogando-se uma bomba

atômica capitalista em Mos-cou. O sistema simplesmente implodiu, o que revela um grau de fragilidade in-terna monumental. É bom viver numa cidade que está sabendo achar seu caminho. Na mesma linha de um país como o Chile, país onde se pratica um socialismo de governo inteligente, competitivo e socialmente responsável.

FRASE:“Há momentos em que a grande mudança a ser feita é a do meu ponto de vista.”
Denis Diderot, filósofo francês

Gastão Reis
Empresário e economista
E-mail: gastaoreis@smart30.com.br
Meu site: www.smart30.com.br